

Vida*

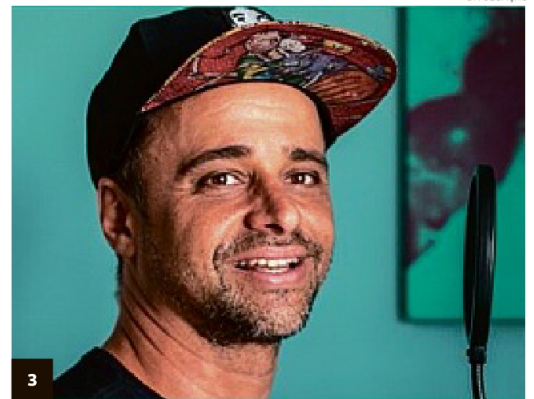
O SHOW SAMBAQUI ACONTECE DOMINGO, A PARTIR DAS 18H, NA PRAÇA CAIRU, NO COMÉRCIO

ASSINATURA DA FOTO

PEDRO SOARES/DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



Festa à moda BaianaSystem

2 de Julho Banda celebra heróis da independência em show gratuito e com vários convidados

Roberto Midlej

REPORTAGEM
roberto.midlej@redabahia.com.br

Estava tudo confirmado para ser na Praça Municipal, mas eis que o secretário de Turismo e Cultura de Salvador comunicou a decisão da Prefeitura de mudar o show do Baianasystem, neste dia 2, para a Praça Cairu, no Comércio. “BaianaSystem é grande, a galera pula, vamos mudar de lugar”, disse Pedro Tourinho. A declaração tem um certo tom de humor e de brincadeira, mas é bom levar a sério: todo mundo sabe que, quando os fãs da banda se juntam, “o bicho pega”. Tudo na paz. Mas que pega, pega.

E no domingo, às 18h, o show tem motivo de sobra para ser bem agitado, já que o pretexto da apresentação é o bicentenário do 2 de Julho. E o Baiana não vai estar sozinho. Roberto Barreto, Russo Passapusso e seus colegas vão ter a companhia de vários convidados: Orquestra Afrosin-

fônica, o bailarino Elivan Nascimento, as cantoras Rachel Reis, Claudia Manzo e Liz Reis, os cantores Lazzo Matumbi e Vandal, além dos Caboclos de Itaparica.

A relação e o interesse da banda com o 2 de Julho são antigos: há cerca de dez anos o grupo se juntou à Osba na Concha para celebrar um aniversário da Independência. “Dali em diante, passamos a mergulhar mais fundo na pesquisa sobre a data, para entender a importância dela”, diz o guitarrista Roberto Barreto.

É a primeira – e, talvez, única – apresentação do Sambaquishow, concebido especialmente para essa festa, com roteiro de Russo e Filipe Cartaxo. O título tem origem numa faixa do álbum *O Futuro Não Demora* (2019). “Os sambaquis eram uma construção fóssil que os índios faziam, com ossos, conchas e outras coisas que iam se juntando e entravam em um processo que dava origem a uma nova coisa. Tinha muito na Ilha [Itaparica]”, diz Roberto.

HERÓIS DO POVO

A canção – curta, praticamente uma vinheta – fala em “surra de

1 Releituras
Personagens como Maria Felipa e o corneteiro Lopes são inspirações para a **Baiana 2 Russo Passapusso** e Filipe Cartaxo assinam roteiro do show especial
3 Roberto Barreto destaca a presença forte dos convidados

Os sambaquis eram uma construção fóssil que os índios faziam, com ossos, conchas e outras coisas que iam se juntando e dava origem a uma nova coisa
Roberto Barreto
Guitarrista

cansação”, uma referência a uma personagem da independência baiana, Maria Felipa, moradora de Itaparica que teria recebido os inimigos dando-lhes surras com essa planta típica da caatinga, quando tentavam invadir a Ilha. Mas não é só esta música do Baiana que remete à luta pela independência: Corneteiro Luís, faixa do disco *Ato 3: América do Sol* (2021) fala da importância da atuação do corneteiro Lopes no Dois de Julho.

“Na batalha de Pirajá/ Quando o corneteiro tocou/ Comandante mandou recuar/ Mas o corneteiro trocou/ Pode avançar”, canta Russo. Trata-se de uma referência à atuação do corneteiro Luís Lopes na Batalha de Pirajá, episódio fundamental da Independência da Bahia.

Naquele dia, em vez de dar um toque mandando as tropas recuarem – como havia ordenado o comandante –, Lopes teria dado o sinal para a cavalaria avançar. Por isso, as tropas lusitanas partiram em retirada, imaginando que os brasileiros haviam recebido reforços. A música Corneteiro Lopes remete a ritmos caribenhos, especialmente a cubanos, como a salsa e a rumba. “A música latina é muito presente na música baiana, desde Gerônimo, Brown, Rumbahiana... E o Carnaval tá banhado disso, Luiz Caldas é outro exemplo!”, afirma Roberto.

Nos créditos de Corneteiro Luís, chama a atenção o nome de Fe-

lipe Brito, que não é músico nem compositor profissional, mas teve papel essencial na canção. Nativo de Itaparica, ele pesquisa muito a história da Ilha e conheceu os integrantes da banda durante uma apresentação lá.

“Ele criou um movimento chamado maré de março, que pega jovens como ele e conscientiza sobre a importância da história de Itaparica. Ele sempre nos alimenta com umas ideias”, conta Roberto. A antropóloga Goli Guerreiro é outra que funciona como uma espécie de consultora informal do grupo.

Sobre o repertório do show, Roberto não revela muito. Mas a união com Lazzo vai render canções que, bem ao gosto da banda, tocam em temas de cunho social. “Isso é muito presente na obra dele. Tocar reggae com Lazzo é sempre uma delícia”, entusiasma-se o guitarrista.

Passado o 2 de Julho, a agenda do grupo é intensa, com shows no segundo semestre em cidades como Fortaleza, Olinda, Belo Horizonte e Natal. E tem dois reencontros agendados: no dia 12 de agosto, no Rio, a banda volta a cantar com Gilberto Gil em uma nova edição do Gil-baiana; em 15 de setembro, no Festival Coala, em São Paulo, é a vez de reencontrar o Olodum, como aconteceu no Festival de Verão, no início deste ano, em Salvador. E, claro, já pensam em um próximo álbum: “Temos a ideia de produzir um disco este ano e já vamos começar a juntar umas ideias”, promete.